

A ONU, a crise financeira e o papel da sociedade civil brasileira

A recente Conferência da ONU sobre a Crise Financeira e Econômica e seus Impactos no Desenvolvimento suscitou diversos questionamentos sobre o momento atual da governança global, especialmente do ponto de vista dos movimentos brasileiros. Como muitos sabem, a Conferência realizada de 24 a 26 de junho de 2009 se deu no contexto de um processo permeado de ambigüidades.

Por um lado, o presidente da Assembléia Geral (AG) composta por 192 países, o nicaraguense sandinista Miguel D'Escoto, teve um papel-chave de dinamizar os debates sobre a crise dentro da ONU, criando a comissão Stiglitz e fazendo manobras diplomáticas históricas para que a conferência acontecesse. Mesmo aliado a boa parte do G-77+China¹, os países do Norte fizeram um boicote ostensivo, segundo comenta-se, inclusive com os britânicos telefonando para capitais do Sul e "aconselhando" os chefes de Estado a não comparecerem à conferência. As organizações que historicamente trabalham com a ONU têm basicamente duas visões, não necessariamente excludentes: algumas enxergam brechas de pressão política que consideram interessantes no texto (comemorando principalmente a menção no documento à criação de um *working group* sobre a crise financeira na ONU); e há aquelas que acreditam que, apesar dos problemas do texto, deveríamos ignorá-lo, porém, continuar fortalecendo a ONU para o debate sobre a nova arquitetura financeira internacional, especialmente dentro da brecha que a criação desse *working*

group abriria. Entretanto, será que vemos novamente confirmada a descrença na capacidade da ONU de gerar algo que de fato avance?

A resposta a essa pergunta não é tão direta nem simples. Terminada a década de 90 e a série de conferências da ONU, as organizações da sociedade civil que se engajaram nesse processo perceberam os limites desses espaços. Os movimentos sociais mais críticos, ao notar que não era em tais conferências que de fato se davam as decisões políticas de aprofundamento da globalização neoliberal, e sim em espaços como a OMC e as instituições de Bretton Woods, voltaram-se, então, para estes.

No entanto, essa descrença em relação à ONU não se deve a uma natureza diferenciada e menos "efetiva" dessa organização, mas possivelmente, como descreveu Martin Khor, coordenador do South Centre, ao "sequestro" que a ONU sofreu na década de 80: de organização poderosa e determinante em termos econômicos e de desenvolvimento, viu seu impacto diminuído por um FMI e Banco Mundial cada vez mais agressivos, com um mandato ampliado após a crise dos anos 70.



Evento Peoples voices, que antecedeu a conferência da Onu

Diversas organizações defendem uma volta ao mandato original da ONU, pra que ela volte a ter centralidade nos temas econômicos. Nada impede que as discussões sobre a nova arquitetura financeira internacional possam ser feitas no espaço que acreditamos ser,

¹ G-77+China é o grupo da Assembléia Geral da ONU formado por grande parte dos países em desenvolvimento (incluídos os chamados emergentes como o Brasil).

hoje (apesar de seus problemas), o mais democrático: a ONU.

Acreditamos que no atual momento esse espaço precisaria ser fortalecido. A menos que, no debate entre os movimentos sociais avancemos na pergunta sobre qual seria esse espaço se não fosse a ONU.

Crise do modelo de desenvolvimento

Desde que a crise financeira eclodiu no ano passado, o Instituto Eqüit tem se engajado nos diversos debates sobre o que esta crise representa para além dos mercados financeiros. Trata-se de uma crise sistêmica que reflete a própria insustentabilidade do modelo de desenvolvimento que as instituições da governança global promovem. Neste sentido, o Eqüit tem trabalhado com as inconsistências desse modelo e, mais especificamente, seus aspectos de gênero e o impacto da crise nas mulheres. Para ler o artigo na íntegra acesse

<http://www.equit.org.br/docs/artigos/DiscursoUNCTADmaiojunho09.pdf>

Seminários de formação: GT Gênero da REBRIP

1 - Dando continuidade ao seu Programa de Formação em Macroeconomia numa perspectiva feminista, o GT Gênero da REBRIP, através do Instituto Eqüit, realizou de 22 a 24 de maio um Seminário de Capacitação, em Nova Friburgo, em parceria com o Ser Mulher, entidade-membro do GT.

Do evento, intitulado “Crise Mundial, Mudanças Climáticas e Integração Regional sob uma perspectiva de Gênero”, participaram 30 mulheres de 11 municípios do Estado do Rio, que discutiram com entusiasmo as conseqüências perversas desta crise global, e a multiplicidade de aspectos em que ela se revela. Especialmente, foram analisados seus impactos sobre o meio ambiente e sobre o cuidado de suas famílias.

“A crise veio de cima para baixo e de fora para dentro, mas o sofrimento é de baixo para cima”, foi expressão utilizada por uma das participantes, e refletiu o sentir de todas em torno de uma crise surgida no chamado mundo “desenvolvido”, mas que vem se alastrando por todos os países num mundo globalizado e sem mecanismos de proteção das economias menores. Ficou o compromisso de continuarmos aprofundando os temas levantados e seguir trocando experiências das lutas de resistências que cada uma leva em seu âmbito de ação.

2 - “Modelos de Desenvolvimento Sustentável, Mudança Climática e Agroecologia sob uma perspectiva de Gênero” foi o título dado ao seminário de formação realizado em finais de Junho pelo Instituto Eqüit/GT Gênero da REBRIP, em parceria com o Colmeias - Coletivo de Mulheres, Educação, Intervenção e Ação Social - em Campina Grande/PB, sede da organização.

O evento contou com a participação de Elvira Bezerra (Colmeias), no módulo “Agroecologia e Gênero: uma alternativa para o meio ambiente”; de Albertina Félix, do Flor e Flor/AMB; de Rogéria Peixinho, da AMB/REBRIP, além da representante do I. Eqüit, Marta Lago. Agradecimentos especiais à feminista Sonia Lacerda pelas dinâmicas de aquecimento!

O evento contou com apoio da Universidade Estadual da Paraíba e da entidade Flor e Flor, da UEPB.



Um subgrupo prepara sua apresentação no seminário

Boletim elaborado pelo Instituto Eqüit – Gênero, Economia e Cidadania Global

Para assinatura ou cancelamento: equit@equit.org.br

Para ler os boletins anteriores acesse: www.equit.org.br

Editora responsável: Lucia Santalices